

# USOS DAS PLANTAS DO CERRADO PELA COMUNIDADE RURAL NOSSA SENHORA DA GUIA, NO MUNICÍPIO MATO-GROSSENSE DE CÁCERES, BRASIL

The use of Cerrado's plants by the Nossa Senhora da Guia rural community, city of Cáceres, Mato Grosso, Brazil

Luciene da Costa Rodrigues\*  
Sandra Mara Alves da Silva Neves\*\*  
Valter Roberto Schaffrath\*\*\*

**Resumo:** Buscou-se ampliar o conhecimento sobre as famílias, hábitos e formas de uso das plantas da comunidade rural Nossa Senhora da Guia/MT. Utilizou-se a abordagem quali-quantitativa. A flora local apresenta 115 espécies. A classe arbórea apresentou 74 indicações, a herbácea 18, ambas com Frequências Relativas semelhantes. A classe arbustivo com 16 (0,2 a 0,8%). A palmeira com 6 (0,2 a 1,0%) e a liana com uma indicação (0,2%). Os usos indicados das espécies são: consumo humano, construção civil, comercialização, madeireiro e medicinal. Concluiu-se que os moradores possuem conhecimentos sobre as potencialidades de uso das plantas do Cerrado, cujo saber é materializado pela adaptação e interação com o ecossistema local.

**Palavras-chave:** Etnobiogeografia, Conhecimento popular, Saber ecológico tradicional.

**Abstract:** The aim of the current study is to broaden the knowledge about families, habits and ways of using plants in the rural community Nossa Senhora da Guia/MT, based on a qualitative and quantitative approach. Local flora in this community comprises 115 species. Tree class

## Introdução

O Cerrado é o segundo maior bioma do Brasil, ocupa aproximadamente 21% do território brasileiro (RIBEIRO; WALTER, 1998). Apresenta ampla diversidade biológica (AGUIAR et al., 2004) com aproximadamente 12.000 espécies de plantas vasculares catalogadas (WALTER, 2006), sendo um dos hotspots mundiais para a conservação da biodiversidade (MYERS et al., 2000).

Apesar da enorme riqueza florística, o bioma Cerrado vem, no decorrer dos anos, sofrendo modificações na sua paisagem natural em função das atividades antrópicas, como o modelo químico-mecânico da agricultura e também com a atividade pecuária. Embora,

\* Bióloga, Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento/PPGMADE da Universidade Federal do Paraná/UFPR. E-mail: lucyrodriques\_bio@hotmail.com.

\*\* Geógrafa, Doutora em Geografia, docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia/PPG-GEO da Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT. E-mail: ssneves@unemat.br.

\*\*\* Agrônomo, Doutor em Agronomia, docente do Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento/PPGMADE da Universidade Federal do Paraná/UFPR. E-mail: valter.schaffrath@gmail.com.

presented 74 indications and herbaceous class presented 18, both with similar Relative Frequencies. Shrub class presented 16 indications (0.2% to 0.8%); palm class, 6 (0.2 to 1.0%); and liana class, 1 (0.2%). The ways of using the indicated plant species comprised human consumption, civil construction, trading, timber and medicinal purposes. It was possible concluding that residents know about the potential use of Cerrado plants; their knowledge is materialized in their adaptation to, and interaction with, the local ecosystem.

**Keywords:** Ethnobiogeography, Popular knowledge, Traditional ecologic knowledge.



não existam dados precisos, estima-se que cerca de 50% da paisagem natural do Cerrado está sendo transformada em paisagens cultivadas, com predomínio da agricultura e pastagem, sendo que nos últimos 35 anos essa destruição vem ocorrendo de forma acelerada, gerando graves consequências ambientais (KLINK; MACHADO, 2005).

O bioma referido deveria destacar-se em termos de conservação ambiental. Entretanto, apenas 4% de sua área encontram-se delimitada como unidade de conservação, o que é muito abaixo da meta mundial de conservação ecológica que é de aproximadamente 10% (BRASIL, 2007a). Com a proposta do Programa Nacional de Conservação e Uso Sustentável do bioma Cerrado, instituído por meio do Decreto 5.577 de 8/11/2005, que tem como objetivo “promover a conservação, a restauração, a recuperação e o manejo sustentável de ecossistemas, bem como a valorização e o reconhecimento de suas populações tradicionais”, vem buscando alternativas sustentáveis para reverter os impactos socioambientais negativos no bioma (BRASIL, 2005). Um dos desafios para a conservação do Cerrado é demonstrar a importância que a biodiversidade regional desempenha no funcionamento dos ecossistemas e na conservação da paisagem.

Além dos aspectos ambientais, o Cerrado distingue-se por sua importância social, econômica e inúmeras populações humanas tradicionais que dele

sobrevivem e conhecem parte de sua inestimada diversidade. Essas populações, sob o ponto de vista cultural, reproduzem historicamente seu modo de vida, com isolamento relativo, e baseado na cooperação social e relações próprias com a natureza (DIEGUES, 1996), ou seja, são grupos viventes que abrem oportunidade e espaço para meios de vida sustentáveis e uso de forma equilibrada dos recursos naturais, costumes estes, que desempenham estabilidade entre os grupos e o ambiente.

A procedência do saber popular está na observação constante e metódica dos fenômenos e das características da natureza, o que explica a importância que as etnocategorias de usos das plantas assumem nos resultados das investigações do uso de plantas de uma região ou mesmo de uma sociedade (ALBUQUERQUE; ANDRADE, 2002). Desse modo, a Etnobotânica surge como o campo interdisciplinar que envolve o estudo e a explicação do conhecimento que o ser humano apresenta sobre os usos das plantas (CABALLERO, 1979). Nesse contexto, o Etnoconhecimento é usado como uma ferramenta metodológica que implica a abordagem do conhecimento cultural e regional e que conduz à informação, resgatando o vínculo entre o saber local e o científico.

O saber local sobre os recursos vegetais do Cerrado tem origem nas adaptações humanas e interações com o ecossistema, conhecimento adquirido por meio de observações e vivências com o meio ambiente, e que possibilita um saber ecológico que é materializado em suas práticas cotidianas. Na perspectiva da ciência geográfica esse tipo de estudo é realizado no âmbito da Etnobiogeografia, que analisa a distribuição espacial da flora e fauna relacionando a sua forma de manutenção e de conservação ambiental.

Guarim Neto (2001) ressalta que os primeiros detentores de conhecimento sobre plantas do Cerrado Mato-grossense são as populações locais que as utilizam para diferentes finalidades. As plantas do Cerrado possuem papel importante na vida dos membros de comunidades tradicionais<sup>1</sup> e não-tradicionais pela diversidade de usos, manifestada na quantidade de espécies potencialmente econômicas o que inclui as categorias: artesanal, alimentícias, medicinais, forrageiras, madeireiras, oleíferas, entre outras (CARNIELLO et al., 2010; PASA; ÁVILA, 2010; PASA, 2004; GUARIM NETO; MACIEL, 2008).

Neste contexto, o objetivo deste trabalho é ampliar o conhecimento sobre as famílias botânicas, hábitos e formas de uso das plantas do Cerrado menciona-

---

<sup>1</sup> No Brasil, segundo o decreto n.º 6.040, de 7 de fevereiro de 2007 em seu artigo 3º, refere-se ao termo *populações tradicionais* como *povos* ou *comunidades tradicionais* como grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (BRASIL, 2007b).

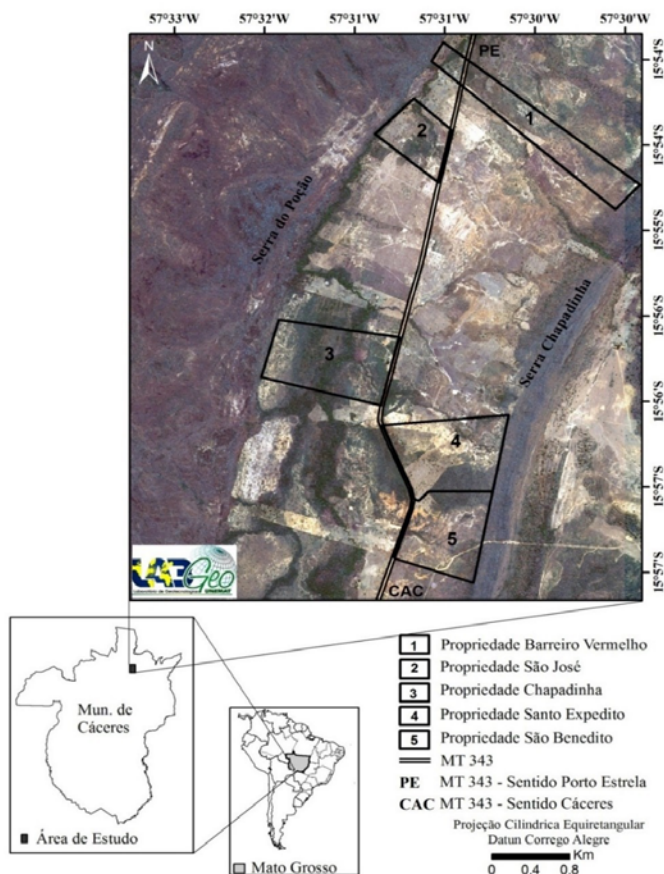
das pelos moradores da comunidade rural Nossa Senhora da Guia em Cáceres/MT, demonstrando que o ambiente e a utilização das plantas convergem para a sustentabilidade das atividades tradicionais desenvolvidas pelos moradores da comunidade investigada ajustados às paisagens regionais.

## Material e métodos

### Área de estudo

A comunidade rural Nossa Senhora da Guia, localizada entre as serras do Poção e Chapadinha, no município de Cáceres (Figura 1) é classificada pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária-INCRA como Salobra Devoluto VIII - Área "C", pertencente à Morraria de Cáceres (Província Serrana), totalizando uma extensão territorial de 15.720 ha (BRASIL, 2004).

**Figura 1.** Comunidade rural Nossa Senhora da Guia em Cáceres/MT, Brasil.



Elaboração: Labgeo (2012).

O local investigado apresenta dois córregos principais, o Piraputanga e o Jaberão, além de vários ribeirões, minas e cachoeiras sem denominações, o que torna viável a ocupação no que tange ao abastecimento de água (BRASIL, 2004). Pertence ao bioma Cerrado com uma fisionomia de Formações Florestais (Mata Ciliar, Mata de Galeria e Cerradão) que englobam os tipos de vegetação com predomínio de espécies arbóreas e formação de dossel (BRASIL, 2007c).

O relevo na área investigada é tipicamente movimentado e fortemente acidentado, com presença de escarpas com afloramento de rocha. Em relação à pedologia constitui-se da associação de Podzólico vermelho e amarelo, formado por argila de atividade baixa, abrupto, plíntico textura média, argila cascalhenta mais Latossolo vermelho amarelo plíntico, ambos distróficos (RADAMBRASIL, 1982).

A precipitação total anual do município de Cáceres é de 1.335 mm, com concentração no período de dezembro a março, sendo que o mês de janeiro o mais chuvoso. O período de seca é de oito meses (abril a novembro), sendo mais intenso de junho a agosto, com apenas 4,9% do total pluviométrico anual. A temperatura média anual é de 26,24 °C. O total anual de insolação é de 1.874,65 horas de brilho solar, variando de 106,02 horas (setembro) a 224,35 horas (julho) (NEVES et al., 2011).

## Procedimentos metodológicos

Para o desenvolvimento deste estudo, foram estabelecidos três momentos de contato com a comunidade (maio/2011-novembro/2012 prolongando até 2017). Na primeira fase ocorreu a delimitação e mapeamento da área de estudo; na segunda fase foram estabelecidas visitas periódicas para escolha dos moradores, esclarecimento do projeto de pesquisa e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Parecer nº 102/2012). Após o consentimento dos moradores, iniciou-se a coleta de dados (terceira fase).

Para o levantamento dos dados utilizou-se abordagens quali-quantitativas (ALBUQUERQUE et al., 2010). As entrevistas foram realizadas com auxílio de um formulário semiestruturado com perguntas abertas e fechadas (ALEXÍADES, 1996).

Após as entrevistas, adotou-se o “método das trilhas pré-fixadas” adaptadas a partir dos estudos de Brondízio e Neves (1996), em que é realizada uma caminhada com o morador em sua propriedade, com o objetivo do mesmo explicar voluntariamente, informações sobre o componente vegetal e o ambiente em que vive.

A identificação das espécies foi realizada por comparação das fotografias tiradas *in situ*, com consulta à literatura especializada. Os nomes científicos das espécies, com os respectivos autores, foram confirmadas e atualizadas nos ende-

reços eletrônicos do Missouri Botanical Garden ([www.tropicos.org](http://www.tropicos.org)) e na Lista de espécies Flora do Brasil ([floradobrasil.jbrj.gov.br](http://floradobrasil.jbrj.gov.br)).

Os dados quantitativos das espécies vegetais presentes nas propriedades estudadas foram sistematizadas numa matriz, no programa Excel, e efetuadas as análises estatísticas descritivas: Frequência Absoluta: Fa = número de propriedades onde a espécie vegetal é cultivada (1 a 5 propriedades) e Frequência Relativa: Fr = (número de propriedades onde a espécie vegetal é cultivada) dividido pelo (número total de propriedades) X 100 (MUELLER-DOMBOIS; ELLENBERG, 1974; BRAUN-BLANQUET, 1979; BROWER; ZAR, 1984; MARTINS, 1991; PINTO-COELHO, 2000; CULLEN JUNIOR et al., 2004).

## Resultados e discussões

A comunidade rural Nossa Senhora da Guia apresenta uma riqueza florística que corresponde a 115 espécies vegetais pertencentes a 96 gêneros e distribuídas em 43 famílias.

As famílias botânicas com maior número de espécies observadas foram, respectivamente, Fabaceae (20), Apocynaceae, Bignoniaceae, Volchysiaceae (7), Malpighiaceae e Arecaceae (6), Malvaceae (5), Annonaceae e Rubiaceae (4), Moraceae, Lythraceae, Euphorbiaceae, Sapindaceae e Combretaceae (3) e as demais famílias foram representadas por número inferior a duas espécies (Tabela 1).

A Fabaceae, de acordo com Souza e Lorenzi (2008) apresenta distribuição cosmopolita, no Brasil, ocorrem cerca de 200 gêneros e 2700 espécies, correspondendo à maior família em número de espécies no País, sob ponto de vista econômico.

A Apocynaceae consiste em cerca 41 gêneros com 376 espécies, no Brasil, esta família caracteriza-se por apresentar uma diversidade de substâncias resultantes do seu metabolismo secundário que, na maioria das vezes, possuem propriedades farmacológicas (MOURA; AGRA, 1989; BARATTO, 2010).

A Bignoniaceae (distribuição pantropical) corresponde cerca de 30 gêneros e 400 espécies. No Brasil, destacam-se as espécies nativas o Ipê, com os respectivos gêneros *Handroanthus* e *Tabebuia*.

A família Volchysiaceae (distribuição neotropical), ocorrem seis gêneros e aproximadamente 160 espécies. Esta é uma das principais famílias do bioma Cerrado, onde se destacam espécies de *Qualea*, *Volchysia*, *Callisthene*, *Salvertia*.

Com a Malpighiaceae (distribuição tropical e subtropical) ocorrem 44 gêneros e aproximadamente 530 espécies. Essa família é facilmente reconhecida pela

presença de nectários extraflorais, dispostos aos pares na base das sépalas de quase todas as espécies. Seu gênero *Byrsonima* apresenta diversas espécies nativas no Brasil, porém sob ponto de vista econômico é pouco explorado (SOUZA; LORENZI, 2008).

Na família botânica *Arecaceae* (distribuição pantropical) ocorrem cerca de 40 gêneros e 260 espécies, sendo que as palmeiras são um elemento presente em praticamente todas as formações vegetais.

Por fim, a *Malvaceae* é uma família constituída de ervas, subarbustos, arbustos, lianas e árvores de pequeno e grande porte, no Brasil, ocorrem cerca de 80 gêneros e 400 espécies (SOUZA; LORENZI, 2008).

Dentre as famílias botânicas estudadas, as que obtiveram maior representatividade foram a *Fabaceae*, com 17,39%, seguida da *Apocynaceae*, *Bignoniaceae* e *Volchysiaceae*, com 6,08% e, logo da *Malpighiaceae* e *Arecaceae*, com 5,21%, totalizando 28,68% de espécies citadas pelos moradores da comunidade rural Nossa Senhora da Guia. Essas famílias botânicas frequentemente têm sido mencionadas como as mais representativas em trabalhos etnobotânicos, no estado de Mato Grosso e em outros lugares do Brasil, como apresentado nos estudos de Guarim Neto e Moraes (2003), Pasa et al. (2005); Cunha e Bortolotto (2011); Souza (2007); Pereira et al. (2012); entre outros.

Em relação ao modo de vida das espécies vegetais e a Frequência Relativa (Fr - agrupadas em famílias botânicas), apresentadas na tabela 1, compreendeu para a classe arbórea 74 espécies (64,35%), a herbácea com 18 (15,66%) e o arbustivo ocorreu 16 espécies (13,92%). Com a classe palmeira apresentou 6 espécies (5,22%) e a liana apresentou 1 espécie (0,87%). Em Mato Grosso, a exploração intensiva e, na maioria das vezes, desordenada para a implantação de monoculturas associado às queimadas tem levado à redução do estoque da vegetação nativa rapidamente. Considerando a importância das florestas nativas, no cenário estratégico, ambiental, social e econômico do Brasil e estudo sobre o seu uso, composição e similaridade florística de um ambiente permitem o mapeamento da área e fornecem subsídios para elaboração de planos de manejo para utilização sustentável do recurso (FERREIRA JÚNIOR et al., 2008).

As espécies foram incluídas em diferentes categorias de uso, tais como: consumo humano (10 citações), construção civil (25 citações), comercialização (4 citações), madeireiro (28 citações), medicinal (21 citações) e não indicado (77 citações) como apresentadas na tabela 1.

**Tabela 1.** Plantas utilizadas pelos moradores da comunidade rural Nossa Senhora da Guia, Cáceres/MT. Legenda: **Usos:** 1: Consumo humano; 2: Madeireiro; 3: Comercialização; 4: Construção civil; 5: Medicinal; 6: Não indicado. **Análises:** Fa: Frequência Absoluta; Fr: Frequência relativa em relação ao número de plantas citadas por propriedades. **Hábitos:** Arbórea, Arbustivo, Herbáceo, Liana e Palmeira.

Família	Espécie	Denominação	Fa	Fr	Usos	Hábito
Anacardiaceae	<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott	Gonçaleiro	3	0,6	2,4	Arbóreo
	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Aroeira	5	1	2,4,5	Arbóreo
Annonaceae	<i>Xylopia aromatica</i> (Lam.) Mart.	Pindaíba	3	0,6	2,4	Arbóreo
	<i>Annona crassiflora</i> Mart.	Ata do mato	2	0,4	6	Arbustivo
	<i>Annona dioica</i> A.St.-Hil.	Ata do mato	4	0,8	6	Arbustivo
	<i>Duguetia furfuracea</i> (A.St.-Hil.) Saff.	Ata de árvore	2	0,4	6	Arbustivo
Amaryllidaceae	<i>Hippeastrum belladonna</i> L.	Frota	1	0,2	6	Arbóreo
Apocynaceae	<i>Aspidosperma cylindrocarpon</i> Müll.Arg.	Peroba rosa	2	0,4	2,4	Arbóreo
	<i>Aspidosperma macrocarpon</i> Mart.	Peroba mirim	2	0,4	2,4	Arbóreo
	<i>Aspidosperma</i> cf. <i>australe</i> Müll.Arg.	Guatambu	1	0,2	5	Arbóreo
	<i>Hancornia speciosa</i> Gomes	Mangava	2	0,4	1,2,5	Arbóreo
	<i>Himatanthus obovatus</i> (Müll.Arg.) Woodson	Angélica	2	0,4	2,4	Arbóreo
	<i>Himatanthus sucuba</i> (Spruce ex Müll.Arg.) Woodson	Não indicado	2	0,4	6	Arbóreo
	<i>Secundatia densiflora</i> A.DC.	Canoinha	2	0,4	6	Arbóreo
Arecaceae	<i>Acrocomia aculeata</i> (Jacq.) Lodd. Mart.	Bocaiuva	4	0,8	1	Palmeira
	<i>Mauritia flexuosa</i> L.f.	Buriti	2	0,4	1,3,5	Palmeira
	<i>Mauritiella</i> cf. <i>armata</i> (Mart.) Burret	Buritirana	1	0,2	6	Palmeira
	<i>Orbignya oleifera</i> Burret	Babaçu	5	1	1,3,5	Palmeira
	<i>Scheelea phalerata</i> (Mart. ex Spreng.) Burret	Acuri	4	0,8	5	Palmeira
	<i>Attalea</i> cf. <i>geraensis</i> Barb. Rodr.	Indaiá	1	0,2	6	Palmeira
Asteraceae	<i>Eupatorium odoratum</i> L.	Arnica	2	0,4	5	Arbóreo
	<i>Solidago chilensis</i> Meyen	Arnica	1	0,2	5	Herbáceo
Bignoniaceae	<i>Anemopaegma arvense</i> (Vell.) Stellfeld ex De Souza	Catuaba	4	0,8	5	Herbáceo
	<i>Cybistax antisiphilitica</i> (Mart.) Mart.	Escova de cavalo	1	0,2	6	Arbóreo
	<i>Jacaranda cuspidifolia</i> Mart.	Carobinha	2	0,4	6	Arbóreo
	<i>Handroanthus heptaphyllus</i> (Vell.) Mattos	Piúva	3	0,6	6	Arbóreo
	<i>Handroanthus impetiginosus</i> (Mart. ex DC.) Mattos	Ipê	1	0,2	2,4	Arbóreo
	<i>Handroanthus vellosi</i> (Toledo) Mattos	Ipê	5	1	2,4	Arbóreo
	<i>Tabebuia aurea</i> (Silva Manso) Benth. & Hook.f. ex S.Moore	Paratudo	3	0,6	2,4,5	Arbóreo
Boraginaceae	<i>Cordia glabrata</i> (Mart.) A.DC.	Louro	2	0,4	6	Arbóreo
Bromeliaceae	<i>Ananas ananassoides</i> (Baker) L.B.Sm.	Abacaxizinho	3	0,6	6	Herbáceo



Família	Espécie	Denominação	Fa	Fr	Usos	Hábito
Burseraceae	<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) Marchand	Protium	2	0,4	6	Arbóreo
Cannabaceae	<i>Trema micrantha</i> (L.) Blume	Piriquiteira	2	0,4	6	Arbóreo
Calophyllaceae	<i>Kielmeyera coriacea</i> Mart.	Pau santo	1	0,2	6	Arbóreo
Caryocaraceae	<i>Caryocar brasiliense</i> A.St.-Hil.	Pequi	5	1	1,2,3,4	Arbóreo
Combretaceae	<i>Buchenavia tomentosa</i> Eichler	Cama de onça	2	0,4	6	Arbóreo
	<i>Combretum leprosum</i> Mart.	Carne de vaca	2	0,4	6	Arbóreo
	<i>Terminalia argentea</i> Mart.	Não indicado	1	0,2	6	Arbóreo
Commelinaceae	<i>Commelina erecta</i> L.	Capoeiraba	2	0,4	6	Arbóreo
Cucurbitaceae	<i>Cayaponia podantha</i> Cogn.	Melancia de pacu	1	0,2	6	Herbáceo
Dilleniaceae	<i>Curatella amaricana</i> L.	Lixeira	5	1	2,4	Arbóreo
	<i>Davilla elliptica</i> A.St.-Hil.	Lixinha	2	0,4	6	Herbáceo
Ebenaceae	<i>Diospyros hispida</i> A.DC.	Não indicado	1	0,2	6	Arbustivo
Erythroxylaceae	<i>Erythroxylum anguifugum</i> Mart.	Não indicado	1	0,2	6	Arbóreo
	<i>Erythroxylum deciduum</i> A.St.-Hil.	Não indicado	1	0,2	6	Arbustivo
Euphorbiaceae	<i>Dalechampia scandens</i> L.	Não indicado	2	0,4	6	Herbáceo
	<i>Dalechampia linearis</i> Baill.	Não indicado	1	0,2	6	Herbáceo
	<i>Dalechampia stipulacea</i> Mull.Arg.	Trepadeira	1	0,2	6	Herbáceo
Fabaceae	<i>Bauhinia pentandra</i> (Bong.) Steud.	Pé de boi	2	0,4	6	Arbustivo
	<i>Bauhinia rufa</i> (Bong.) Steud.	Pé de boi	2	0,4	6	Arbustivo
	<i>Copaifera martii</i> Hayne	Pau d'olinho	1	0,2	6	Arbóreo
	<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	Copaiba	1	0,2	5	Arbóreo
	<i>Dimorphandra mollis</i> Benth.	Barbatimão	4	0,8	2,4,5	Arbóreo
	<i>Dipterix alata</i> Vogel	Cumbaru	5	1	1,2,3,4,5	Arbóreo
	<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Jatobá da mata	4	0,8	1,2,4,5	Arbóreo
	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Hayne	Jatobá mirim	2	0,4	1,2,4,5	Arbóreo
	<i>Albizia saman</i> (Jacq.) Merr.	Corticeira	2	0,4	6	Arbóreo
	<i>Andira cujabensis</i> Benth.	Mocegueira	1	0,2	6	Arbóreo
	<i>Enterolobium contortisiliquum</i> (Vell.) Morong	Ximbuva	1	0,2	6	Arbóreo
	<i>Erythrina fusca</i> Lour.	Abobreira	2	0,4	6	Arbóreo
	<i>Machaerium acutifolium</i> Vogel	Sucupira do campo	1	0,2	6	Arbóreo
	<i>Plathymenia reticulata</i> Benth.	Vinhático	3	0,6	2,4	Arbóreo
	<i>Pterogyne nitens</i> Tul.	Não indicado	1	0,2	6	Arbóreo
	<i>Stryphnodendron rotundifolium</i> Mart.	Barbatimão verdadeiro	5	1	2,4,5	Arbóreo
	<i>Tachigali aurea</i> (Tul.) Baill.	Não indicado	1	0,2	6	Arbóreo
	<i>Senna alata</i> (L.) Roxb.	Não indicado	1	0,2	6	Arbóreo
	<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	Sucupira do campo	4	0,8	6	Arbóreo
	<i>Vatairea macrocarpa</i> (Benth.) Ducke	Não indicado	1	0,2	6	Arbóreo

Família	Espécie	Denominação	Fa	Fr	Usos	Hábito
Lamiaceae	<i>Vitex cymosa</i> Bertero ex Spreng.	Tarumã	2	0,4	6	Árboreo
Loganiaceae	<i>Strychnos pseudoquina</i> A. St.-Hil.	Quina do cerrado	5	1	2,4,5	Árboreo
Lythraceae	<i>Adenaria floribunda</i> Kunth	Não indicado	1	0,2	6	Árboreo
	<i>Lafoensia pacari</i> A. St.-Hil.	Mangava brava	1	0,2	2,4,5	Árboreo
	<i>Physocalymma scaberrimum</i> Pohl	Carijó	3	0,6	2,4	Árboreo
Malvaceae	<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	Chico magro	2	0,4	5	Árboreo
	<i>Gossypium hirsutum</i> L.	Algodão	2	0,4	6	Arbustivo
	<i>Luehea paniculata</i> Mart.	Soita cavalo	2	0,4	6	Árboreo
	<i>Helicteres guazumifolia</i> Kunth	Rosquinha	2	0,2	6	Árboreo
	<i>Sterculia apetala</i> (Jacq.) H.Karst.	Manduvi	2	0,4	6	Árboreo
Malpighiaceae	<i>Banisteriopsis</i> cf. <i>Pubipetala</i> (A. Juss.) Cuatrec.	Cipó	1	0,2	6	Liana
	<i>Byrsonima coccolobifolia</i> Kunt	Canjicão branco	1	0,2	6	Herbáceo
	<i>Byrsonima</i> cf. <i>intermedia</i> A. Juss.	Cajinquinha	1	0,2	6	Herbáceo
	<i>Byrsonima sidoniifolia</i> A. Juss.	Cajinquinha	5	1	1	Herbáceo
	<i>Byrsonima verbacifolia</i> (L.) DC.	Canjicão	1	0,2	6	Herbáceo
	<i>Byrsonima crassifolia</i> (L.) Kunth	Canjicão	2	0,4	6	Herbáceo
Melastomataceae	<i>Mouriri guianensis</i> Aubl.	Roncador	1	0,2	6	Árboreo
Moraceae	<i>Ficus</i> cf. <i>gomelleira</i> Kunth & C.D.Bouché	Figueira	2	0,4	6	Arbustivo
	<i>Dorstenia brasiliensis</i> Lam.	Caiapiá	2	0,4	6	Herbáceo
	<i>Brosimum gaudichaudii</i> Trécul	Algodão doce do cerrado	5	1	1	Herbáceo
Ochnaceae	<i>Ouratea hexasperma</i> (A.St.-Hil.) Baill.	Não indicado	1	0,2	6	Arbustivo
Opiliaceae	<i>Agonandra brasiliensis</i> Miers ex Benth.	Não indicado	2	0,4	6	Árboreo
Poaceae	<i>Guadua paniculata</i> Munro	Taquara	3	0,6	6	Herbáceo
Polygonaceae	<i>Coccoloba mollis</i> Casar.	Não indicado	1	0,2	6	Arbustivo
	<i>Triplaris americana</i> L.	Novateiro	2	0,4	6	Árboreo
Portulacaceae	<i>Portulaca oleracea</i> L.	Onze horas	3	0,6	6	Herbáceo
Proteaceae	<i>Roupala montana</i> Aubl.	Não indicado	1	0,2	6	Árboreo
Rubiaceae	<i>Alibertia edulis</i> (Rich.) A.Rich. ex DC.	Marmelada	1	0,2	6	Arbustivo
	<i>Genipa americana</i> L.	Jenipapo	2	0,4	2,4,5	Árboreo
	<i>Palicourea coriacea</i> (Cham.) K.Schum.	Tampa de panela	2	0,4	6	Arbustivo
	<i>Rudgea viburnoides</i> (Cham.) Benth.	Pau Santo	2	0,4	6	Árboreo
Rutaceae	<i>Zanthoxylum rigidum</i> Humb. & Bonpl. ex Willd.	Maminha de porca	1	0,2	6	Arbustivo
Salicaceae	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	Não indicado	2	0,4	6	Arbustivo
Sapindaceae	<i>Dilodendron bipinnatum</i> Radlk.	Maria pobre	1	0,2	6	Árboreo
	<i>Magonia pubescens</i> A.St.-Hil.	Timbó	3	0,6	2,4,5	Árboreo
	<i>Paullinia pinnata</i> L.	Não indicado	1	0,2	6	Arbustivo
Simaroubaceae	<i>Simarouba versicolor</i> A.St.-Hil.	Canela preta	1	0,2	6	Árboreo

Família	Espécie	Denominação	Fa	Fr	Usos	Hábito
Solanaceae	<i>Solanum lycocarpum</i> A.St.-Hil.	Lobeira	1	0,2	6	Arbóreo
Talinaceae	<i>Talinum fruticosum</i> (L.) Juss.	Não indicado	1	0,2	6	Herbáceo
Urticaceae	<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul	Embaúba	5	1	6	Arbóreo
Volchysiaceae	<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	Pau terra	2	0,4	6	Arbóreo
	<i>Qualea parviflora</i> Mart.	Pau terra	2	0,4	6	Arbóreo
	<i>Callisthene fasciculata</i> Mart.	Pau terra	1	0,2	6	Arbóreo
	<i>Salvertia convallariodora</i> A. St.-Hil.	Não indicado	1	0,2	6	Arbóreo
	<i>Vochysia cinnamomea</i> Pohl	Não indicado	1	0,2	2,4	Arbóreo
	<i>Vochysia divergens</i> Pohl	Cambará	4	0,8	2,4	Arbóreo
	<i>Vochysia haenkeana</i> Mart.	Cambará amarelo	4	0,8	2,4	Arbóreo

Organização: os autores (2020).

Dentre as espécies estudadas as categorias de usos mais citadas correspondem à utilização madeireira (24,35%), construção civil (21,74%) e medicinal (18,27%). Pesquisas no Cerrado e no Pantanal, realizadas respectivamente por Guarim Neto e Pasa (2009) e Schwenk e Silva (2000) evidenciaram que a diversidade vegetal é mantida pelas populações locais em virtude de suas necessidades, como o uso madeireiro e na construção civil. Assim, do componente vegetal é retirado à matéria-prima, de forma sustentada, para suprir suas demandas. Resultados estes que corroboram com os obtidos neste estudo.

Quanto a categoria de uso medicinal, as plantas são utilizadas pela população mato-grossense para o tratamento alternativo no controle e/ou prevenção de diversas patologias crônicas transmissíveis e não-transmissíveis (MOREIRA; GUARIM NETO, 2015; COELHO et al., 2011; SILVA et al., 2010). Nos últimos anos, vem aumentando o interesse em tratamentos alternativos, em virtude de vários fatores, como a insatisfação com a medicina convencional, o uso incorreto e/ou abusivo de drogas sintéticas que resultam em efeitos colaterais e agravos a saúde humana. Porém, nos países em desenvolvimento, como o Brasil, há um desafio aos pesquisadores em desenvolver estudos etnofarmacológicos, tendo em vista que a flora brasileira tem sido progressivamente destruída e a medicina popular, uma rica mistura de conhecimentos étnicos, torna-se modificada pela cultura moderna.

As demais categorias de uso na comunidade rural Nossa Senhora da Guia, como o consumo humano (8,70%) e a comercialização (3,48%), obtiveram entre 4-10 citações. Segundo os estudos de Mamede e Pasa (2019) bem como de Sánchez (2014) apresentaram que a produção nas comunidades pesquisadas abastecem as necessidades dos grupos familiares e o excedente é comercializado, resultados estes que se assemelham com os obtidos nesta pesquisa. Assim, o lucro adquirido com esta comercialização é utilizado para compra de outros produtos em mercados

locais. Neste cenário, as populações locais nas áreas tropicais estão imersas numa dicotomia econômica.

Desta forma, essas populações produzem bens para o mercado e compram produtos utilizando a renda obtida. Ao mesmo tempo, eles produzem os produtos básicos para consumo pessoal, resultando na adoção de estratégias que englobam sua dupla atuação como produtores de subsistência e de mercado. Deste modo, o principal objetivo destas populações é maximizar a diversidade e o número de opções disponíveis, a fim de garantir a sua subsistência e minimizar os riscos econômicos. Isto é conseguido por meio do uso múltiplo do espaço, do tempo e de espécies vegetais (TOLEDO et al., 2003).

O estudo das famílias botânicas, hábitos e formas de uso são importantes para identificação das espécies vegetais, resultando em estudos posteriores de manejo, conservação das espécies, dos princípios bioativos que as compõem, entre outras especificidades. Além de contribuir para o entendimento da dinâmica de quem vive em comunidades locais e dependem das plantas para consumo próprio (alimentar e medicinal) e/ou como fonte de geração de renda.

Nesse contexto, como mencionado anteriormente, o conhecimento e uso das plantas pelo homem é pesquisado pela Etnobotânica, que tem como objetivo a percepção e classificação do nome, formas de uso e manejo das espécies vegetais por parte de comunidades locais (STRACHULSKI; FLORIANI 2013), bem como pela Etnobiogeografia que engloba a espacialidade e a conservação do ambiente. Desse modo, o resgate cultural e do conhecimento das populações tradicionais é fundamental para entender as potencialidades do uso das plantas e conservação do ambiente local.

## Considerações finais

A vegetação estudada na comunidade rural Nossa Senhora da Guia está distribuída em diferentes famílias botânicas, destas, a família Fabaceae apresenta maior número de espécies. Em relação ao modo de vida das plantas a classe arbórea destacou-se das demais categorias, apresentando grande diversidade florística e maior quantidade de indicações de uso pela comunidade estudada.

O uso das espécies do bioma Cerrado pelos moradores, presente nesse espaço geográfico de Mato Grosso, evidenciou que eles detêm saber sobre as suas potencialidades. Saber este que possivelmente, foi herdado de seus ancestrais, pela observação e experimentação, gerando conhecimentos ecológicos que são materializados em suas práticas cotidianas no ambiente de vivência.

## Referências

- AGUIAR, L. M. S.; MACHADO, R. B.; MARINHO-FILHO, J. A diversidade biológica do Cerrado. In: AGUIAR, L. M. S.; CAMARGO, A. (Eds.). *Ecologia e caracterização do Cerrado*. Brasília: Embrapa, 2004. p.19-42.
- ALBUQUERQUE, U. P.; ANDRADE, L. H. C. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. *Acta Botânica Brasileira*, Brasília, v. 16, n. 3, p. 273-85, 2002.
- ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; ALENCAR, N. L. Métodos e técnicas para a coleta de dados etnobotânicos. In: ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. C. (Orgs.). *Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica*. 2. ed. Recife: NUPPEA, 2010. p. 41-64.
- ALEXÍADES, M. *Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual*. New York: The New York Botanical Garden, 1996. 306p.
- BARATTO, L. C. *Estudo químico-analítico e morfoanatômico de espécies medicinais brasileiras da família apocynaceae: Himatanthus lancifolius (Mull. Arg.) Woodson e Rauwolfia sellowii Mull. Arg.* 2010. 155f. Dissertação (Mestrado em Ciências Farmacêuticas) – Universidade do Federal do Paraná, Curitiba, 2010.
- BRASIL. *Biodiversidade do Cerrado e Pantanal: áreas e ações prioritárias para conservação/Ministério do Meio Ambiente*. Brasília: Série Biodiversidade, n. 17, 2007a. 540p.
- BRASIL. Decreto 5.577, de 8 de novembro de 2005. *Diário oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, 20 mai. 2015. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/Lei/L13123.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13123.htm). Acesso em: 18 set. 2015.
- BRASIL. Decreto N. 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. *Diário oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, p. 316, 08 fev. 2007b. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm). Acesso em: 17 ago. 2020.
- BRASIL. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária-INCRA. *Diagnóstico Técnico*. Disponível pelo INCRA núcleo Cáceres/MT, 2004. 380p.
- BRASIL. Ministério do Meio Ambiente–MMA. *Programa nacional de conservação e uso sustentável do bioma Cerrado*. 2007c. Disponível em: [http://www.mma.gov.br/estruturas/201/\\_arquivos/programa\\_cerrado\\_sustentvel\\_201.pdf](http://www.mma.gov.br/estruturas/201/_arquivos/programa_cerrado_sustentvel_201.pdf). Acesso em: 18 ago. 2020.
- BRAUN-BLANQUET, J. *Fitosociologia: bases para el estudio de las comunidades vegetales*. 3. ed. Madrid: Aum. Blume, 1979. 820p.
- BRONDÍZIO S. E.; NEVES, W. A. Populações caboclas do estuário Amazônia: a percepção do ambiente natural. In: ARAÚJO, M. C. *Uma estratégia latino-americana para a Amazônia*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal; São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 1996. p. 167-182.
- BROWER, J. E.; ZAR, J. H. *Field & laboratory methods for general ecology*. 2. Universidade de Michigan: Ed. Iowa: Wm. C. Brown Publishers, 1984. 226p.
- CABALLERO, J. La etnobotânica. In: BARRER, A. (Ed.). *La etnobotânica: tres puntos de vista y una perspectiva*. Xalapa, Ciudad México: Instituto de Investigación sobre Recursos Bióticos, 1979. p. 27-30.
- CARNIELLO, M. A. SILVA, R. S.; CRUZ, M, A. B.; GUARIM NETO, G. Quintais urbanos de Mirassol D'Oeste-MT, Brasil: uma abordagem etnobotânica. *Acta Amazônica*, Manaus, v. 40, n. 3, p. 451-470, 2010.
- COELHO, M. F. B.; JORGE, S. A.; MACEDO, M.; NOGUEIRA BORGES, H. B.; SPILLER, C. Nó-de-cachorro (*Heteropterys tomentosa* A. Juss.): espécie de uso medicinal em Mato Grosso, Brasil. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, Botucatu, v. 13. n. 4. p. 475-485, 2011.

- CULLEN JUNIOR, L.; RUDRAN, R.; VALLADARES-PADUA, C. *Métodos de estudo em biologia da conservação e manejo da vida silvestre*. Curitiba: Ed. da UFPR; Fundação O Boticário de Proteção à Natureza, 2004. 652p.
- CUNHA, S. A.; BORTOLOTO, I. M. Etnobotânica de plantas medicinais no assentamento Monjolinho, município de Anastácio, Mato Grosso do Sul, Brasil. *Acta Botânica Brasileira*, Brasília, v. 25, n. 3, p. 685-698, 2011.
- DIEGUES, A. C. *O mito moderno da natureza intocada*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1996. 163p.
- FERREIRA JÚNIOR, E. V.; SOARES, T. S.; COSTA, M. F. F.; SILVA, V. S. M. Composição, diversidade e similaridade florística de uma floresta tropical semidecídua submontana em Marcelândia – MT. *Acta Amazonica*, Manaus, v. 38, n. 4, p. 673-680, 2008.
- GUARIM NETO, G. Flora medicinal, populações humanas e o ambiente de cerrado. *Horticultura brasileira*, Vitória da Conquista, v. 19, n. 1, p. 203-206, 2001.
- GUARIM NETO, G.; MACIEL, M. R. A. *O saber local e os recursos vegetais em Juruena, Mato Grosso*. Cuiabá: EdUFMT: Entrelinhas, 2008. 112p.
- GUARIM NETO, G.; MORAIS, R. G. Recursos medicinais de espécies do Cerrado de Mato Grosso: Um estudo Bibliográfico. *Acta Botânica Brasileira*, Brasília, v. 17, n. 4, p. 561-584, 2003.
- GUARIM NETO, G.; PASA, M. C. Estudo etnobotânico em uma área de Cerrado no município de Acorizal, Mato Grosso. *Flovet*, Cuiabá, v. 1, n. 1, p. 5-32, 2009.
- KLINK, C. A.; MACHADO, R. B. A conservação do Cerrado brasileiro. *Megadiversidade*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1. p. 147-155, 2005.
- MAMEDE, J. S. S.; PASA, M. C. Diversidade e uso de plantas do Cerrado na comunidade São Miguel, Várzea Grande, MT, Brasil. *Revista Interações*, Campo Grande, v. 20, n. 4, p. 1087-1098, 2019.
- MARTINS, F. R. *Estrutura de uma floresta mesófila*. Campinas/SP: Ed. UNICAMP, 1991. 246p.
- MOREIRA, R. P. M.; GUARIM NETO, G. A Flora medicinal dos quintais de Tangará da Serra, Mato Grosso, Brasil. *Biodiversidade*, Cuiabá, v. 14, n. 1, p. 63-83, 2015.
- MOURA, M. D. B., AGRA, M. F. Apocynaceae tóxicas e medicinais ocorrentes nos Estados de Pernambuco e Paraíba, Brasil. *Acta Botânica Brasileira*, Brasília, v. 3, n. 2, p. 273-279, 1989.
- MUELLER-DOMBOIS, D.; ELLENBERG, H. *Aims and methods of vegetation ecology*. New York: John Wiley & Sons; 1974. 547p.
- MYERS, N., MITTERMEIER, R. A.; MITTERMEIER, C. G.; FONSECA, G. A. B.; KENT, J. Biodiversity hotspots for conservation priorities. *Nature*, [s. l.], v. 403, n. 333, p. 853-858, 2000.
- NEVES, S. M. A. S.; NUNES, M. C. M.; NEVES, R. J. Caracterização das condições climáticas de Cáceres/MT - Brasil, no período de 1971 a 2009: subsídios às atividades agropecuárias e turísticas municipais. *Boletim Goiano de Geografia*, Goiânia, v. 31, n. 2, p. 55-68, 2011.
- PASA, M. C. *Etnobiologia de uma Comunidade Ribeirinha no Alto da Bacia do Rio Aricá Açu, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil*. 2004. 174f. Tese (Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais), Universidade Federal de São Carlos-UFSCar, São Carlos/SP, 2004.
- PASA, M. C.; ÁVILA, G. Ribeirinhos e recursos vegetais: a etnobotânica em Rondonópolis, Mato Grosso, Brasil. *Interações*, Campo Grande, v. 11, n. 2, p. 195-204, 2010.
- PASA, M. C.; SOARES, J. J.; GUARIM NETO, G. Ethnobotany study in community of Conceição-Açu (On the upper basin of the River Aricá Açu, MT, Brazil). *Acta Botânica Brasileira*, Brasília, v. 19, n. 2, p. 195-207, 2005.
- PEREIRA, Z. V.; FERNANDES, S. S. L.; SANGALLI, A.; MUSSURY, R. M. Usos múltiplos de espécies nativas do bioma Cerrado no Assentamento Lagoa Grande, Dourados, Mato Grosso do Sul. *Revista Brasileira de Agroecologia*, Dois Vizinhos, v. 7, n. 2, p. 126-136, 2012.

- PINTO-COELHO, R. M. *Fundamentos em Ecologia*. Porto Alegre: ARTMED Editora; 2000. 252p.
- RADAMBRASIL. *Levantamentos dos recursos naturais*. Cuiabá/Rio de Janeiro: Ministério das Minas e Energia. Secretária Geral. Projeto RADAMBRASIL. Folha SD 21 e 24, 1982. 448p.
- RIBEIRO, J. F.; WALTER, B. M. T. Fitofisionomias do bioma do Cerrado: os biomas do Brasil. In: *Cerrado: ambiente e flora*. EMBRAPA, Planaltina/DF, 1998. p. 89-116.
- SÁNCHEZ, D. C. M. *A etnobotânica e as unidades de paisagem na comunidade Água Fria, Chapada dos Guimarães, MT, Brasil*. 2014. 123f. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais e Ambientais) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2014.
- SCHWENK, L. M.; SILVA, C. J. A etnobotânica da morraria Mimoso no pantanal de Mato Grosso. In: SIMPÓSIO SOBRE RECURSOS NATURAIS E SÓCIO-ECONÔMICOS DO PANTANAL, 3., 2000, Corumbá. *Anais [...]*. Corumbá: Embrapa Pantanal, 2000. p. 1-27. Disponível em: <https://www.cpap.embrapa.br/agencia/congresso/Bioticos/SCHWENK-046.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2020.
- SILVA, M. A. B.; MELO, L. V. L.; RIBEIRO, R. V.; SOUZA, J. P. M.; LIMA, J. C. S.; MARTINS, D. T. O.; SILVA, R. M. Levantamento etnobotânico de plantas utilizadas como anti-hiperlipidêmicas e anorexígenas pela população de Nova Xavantina-MT, Brasil. *Revista Brasileira de Farmacognosia*, Curitiba, v. 20, n. 04, p. 549-562, 2010.
- SOUZA, L. F. Recursos vegetais usados na medicina tradicional do Cerrado (Comunidade de Baús, Acorizal/MT, Brasil). *Revista Brasileira de Plantas Mediciniais*, Botucatu, v. 9, n. 4, p. 44-54, 2007.
- SOUZA, V. C.; LORENZI, H. *Botânica Sistemática: guia ilustrado para identificação das famílias de Fanerógamas nativas e exóticas no Brasil, baseado em APG II*. 2. ed. Nova Odessa/SP: Instituto Plantarum, 2008. 640p.
- STRACHULSKI, J.; FLORIANI, N. Conhecimento popular sobre plantas: um estudo etnobotânico na comunidade rural de Linha Criciumal, em Cândido de Abreu- PR. *Revista Geografar*, Curitiba, v. 8, n. 1, p. 125-153, 2013.
- TOLEDO, V. M.; RTIZ-ESPEJEL, B.; CORTÉS, L.; MOGUEL, P.; ORDOÑEZ, M. J. The multiple use of tropical forests by indigenous peoples in Mexico: a case of adaptive management. *Conservation Ecology*, Wolfville, v. 7, n. 3, p. 1-9, 2003.
- WALTER, B. M. T. *Fitofisionomias do bioma Cerrado*. Síntese terminológica e relações florísticas. 2006. 374f. Tese (Doutorado em Ecologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2006.